



ENTRE CAIXAS

Histórias ilustradas sobre não-binarismo

Ruhan Mendes



Este é um livro ilustrado desenvolvido como produto do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA)
Departamento de Jornalismo (DEJOR)

Professor Orientador: Ricardo Augusto Orlando
Orientando: Ruhan Carlos Mendes Silva

Reportagem, Ilustração e Editoração: Ruhan Mendes
@ruhanc2

Mariana, 2022.

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586e Silva, Ruhan Carlos Mendes.
Entre caixas [manuscrito]: histórias ilustradas sobre não-binarismo. /
Ruhan Carlos Mendes Silva. Ruhan Carlos Mendes Silva. - 2022.
57 f.: . + + 1 e-book (55p. : il.).

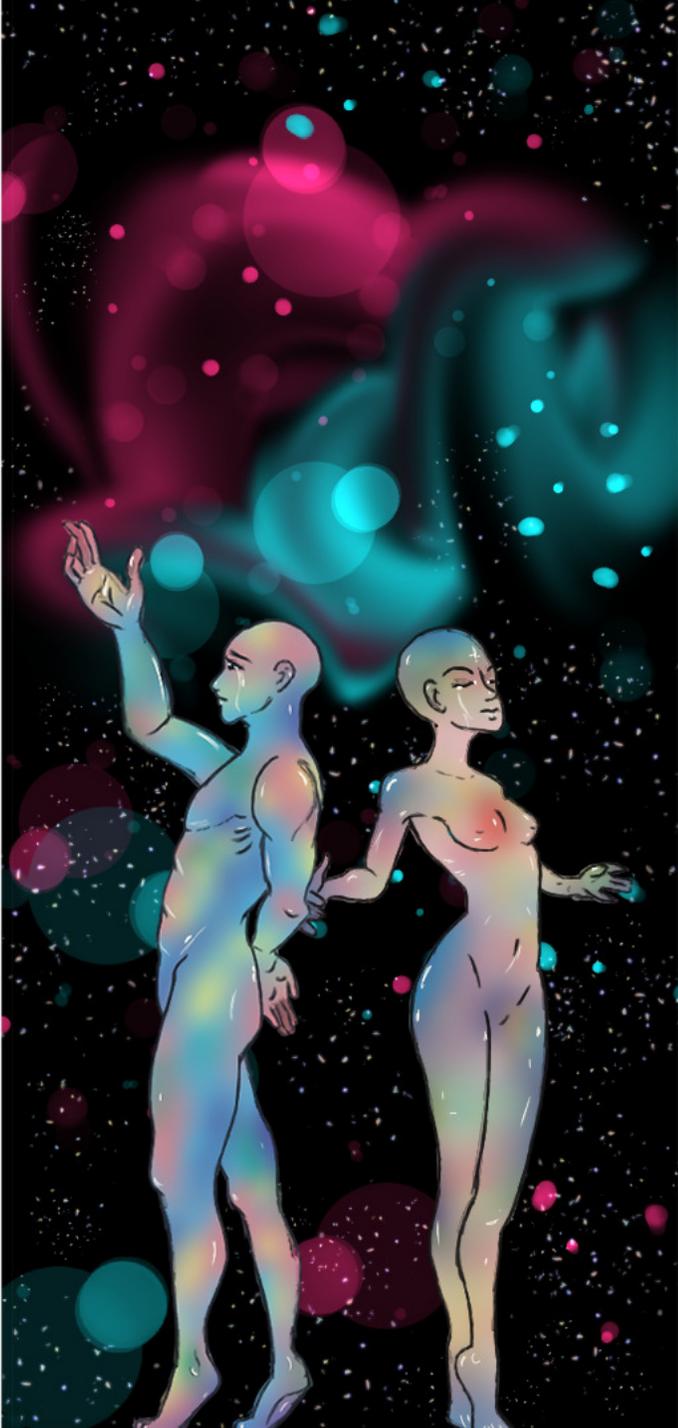
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Jornalismo. 2. Identidade de gênero. 3. Livros ilustrados. I. Silva,
Ruhan Carlos Mendes. II. Orlando, Ricardo Augusto. III. Universidade
Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 305

Ser e se reconhecer.





SUMÁRIO

1 - onde estava shiny	8
2 - um nome morto	17
3 - transformando marte	26
4 - do amor ao gênero	35
5 - protótipo	44



PREFÁCIO

Este e-book fecha minha trajetória na graduação em Jornalismo. Ele é resultado da minha experiência com jornalismo ilustrado e o texto verbal em uma plataforma digital.

Durante minha graduação, descobri meu interesse por quadrinhos, ilustrações e principalmente como integrar isto ao jornalismo.

Meu intuito com este produto é poder apresentar essas histórias a outras pessoas que, assim como eu, se interessam e se questionam sobre gênero, especialmente o não-binarismo.

As histórias do cotidiano das fontes ilustram suas descobertas e transformações, além de iniciar o debate sobre estereótipos e expectativas de gênero.

Este livro é para todes que desejam saber mais sobre a vivência de pessoas não-binárias.

Para a produção deste trabalho, realizei entrevistas por chamada de vídeo com pessoas de diferentes idades e cidades. Todas as fontes foram encontradas em redes sociais e grupos específicos sobre o tema e se interessaram em participar do projeto.

Usei nomes fictícios para proteger a identidade de todes, já que algumas pessoas ainda não estão assumidas.

Suas passagens no livro refletem fases da vida que foram importantes para seu crescimento.

Espero que este conteúdo faça jus a todes entrevistades e que possa servir de alguma forma para pessoas interessadas no assunto, seja como uma referência para o que estão passando ou um exemplo da vastidão desta comunidade.

A luta por igualdade é de todos nós.

INTRODUÇÃO

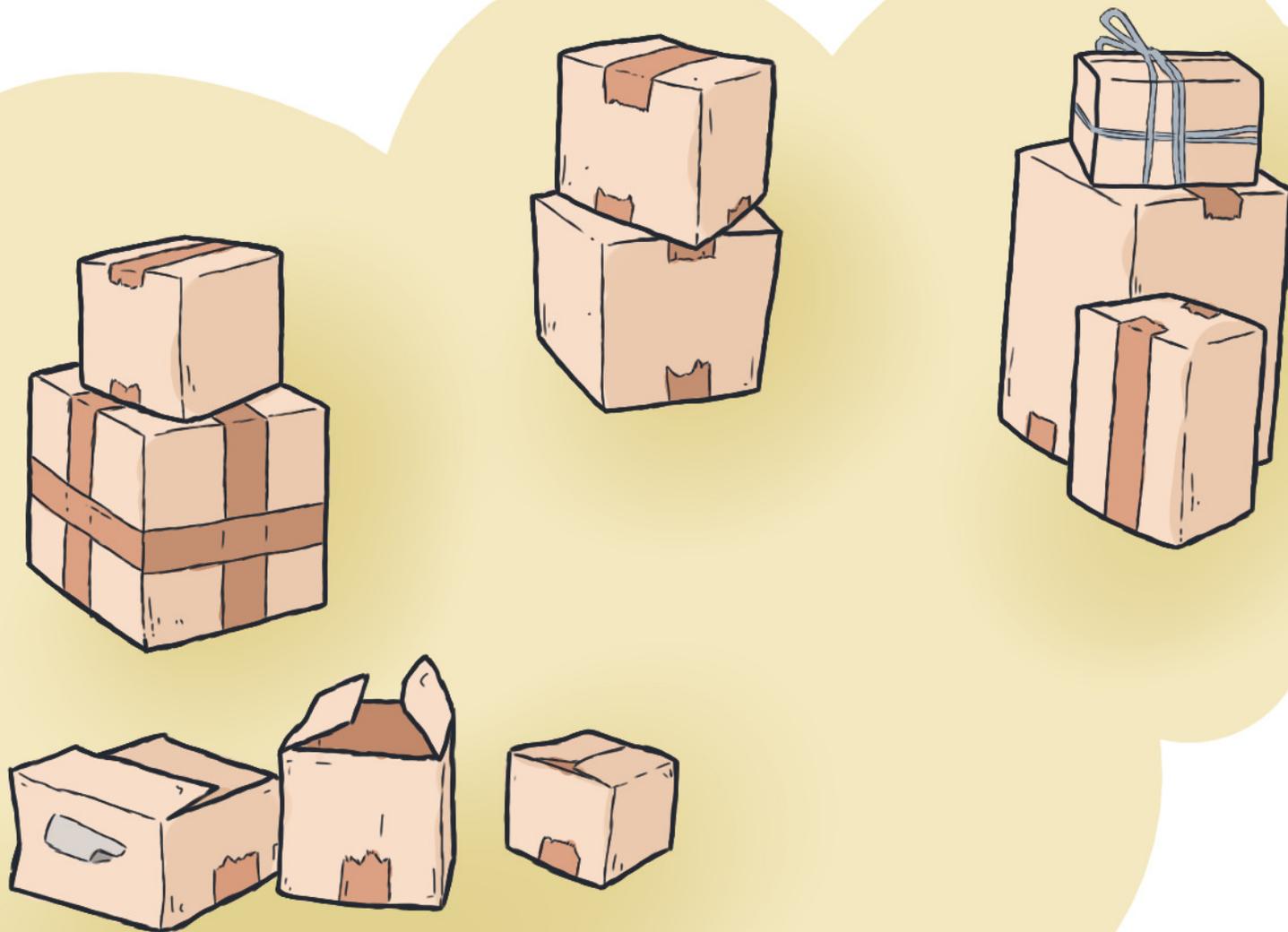
Não-binário define pessoas que não se identificam dentro do sistema binário de gênero.

Sua identidade de gênero e/ou expressão de gênero não se limitam ao masculino e feminino. Podem se identificar como homem e mulher, fluir entre eles ou não se identificar com nenhum.

E durante a vida somos colocados em caixas que não representam a todos.

**“Você deve ser assim.
Você deve fazer aquilo.”**

Então como alguém que não se conforma com isso pode achar seu lugar ou mesmo saber com o que se identifica e o que é?





Entre as caixas
há um vasto universo.



1

**ONDE
ESTAVA
SHINY**





Shiny

23 anos, Ceará.

Elu/Ela

Trans não-binária, ela é formada em Psicologia, participa de trabalho voluntário e projeto social focado em saúde mental.



O sistema binário heteronormativo é uma construção cultural que beneficia alguns e oprime outros. Somos colocados em caixas durante a vida a partir de características biológicas.

Meninos devem gostar de futebol.
Meninas devem aprender a cozinhar.
Homens precisam ser masculinos.
Mulheres precisam ser mães.

Os padrões criados fazem com que a cultura binária se torne uma obrigação. E os que não seguem os padrões acabam sofrendo algum tipo de preconceito.

Fui colocada em uma caixa.



E passei anos presa por padrões, escondendo tudo o que sentia e o que eu passava.

Durante muito tempo eu sofri sozinha. Não tinha coragem de contar a ninguém.



A heteronormatividade não afeta apenas os LGBTQIA+. Mesmo heteros cisgêneros são limitados a seguir os papéis sociais que são atribuídos a eles ao nascer.

Podemos ser homem ou mulher e isto não é definido pelo indivíduo, mas por uma condição biológica.

Ser homem significa não ser mulher. Negar toda e qualquer característica definida como feminina. Homens não choram, não expressam sentimentos, não sentam com a perna cruzada, não pintam a unha.

Isto é o que foi normalizado.

*O tempo passou
e eu me acostumei com o desconforto.*



*Acreditava que aquilo seria tudo que
eu teria na minha vida.*

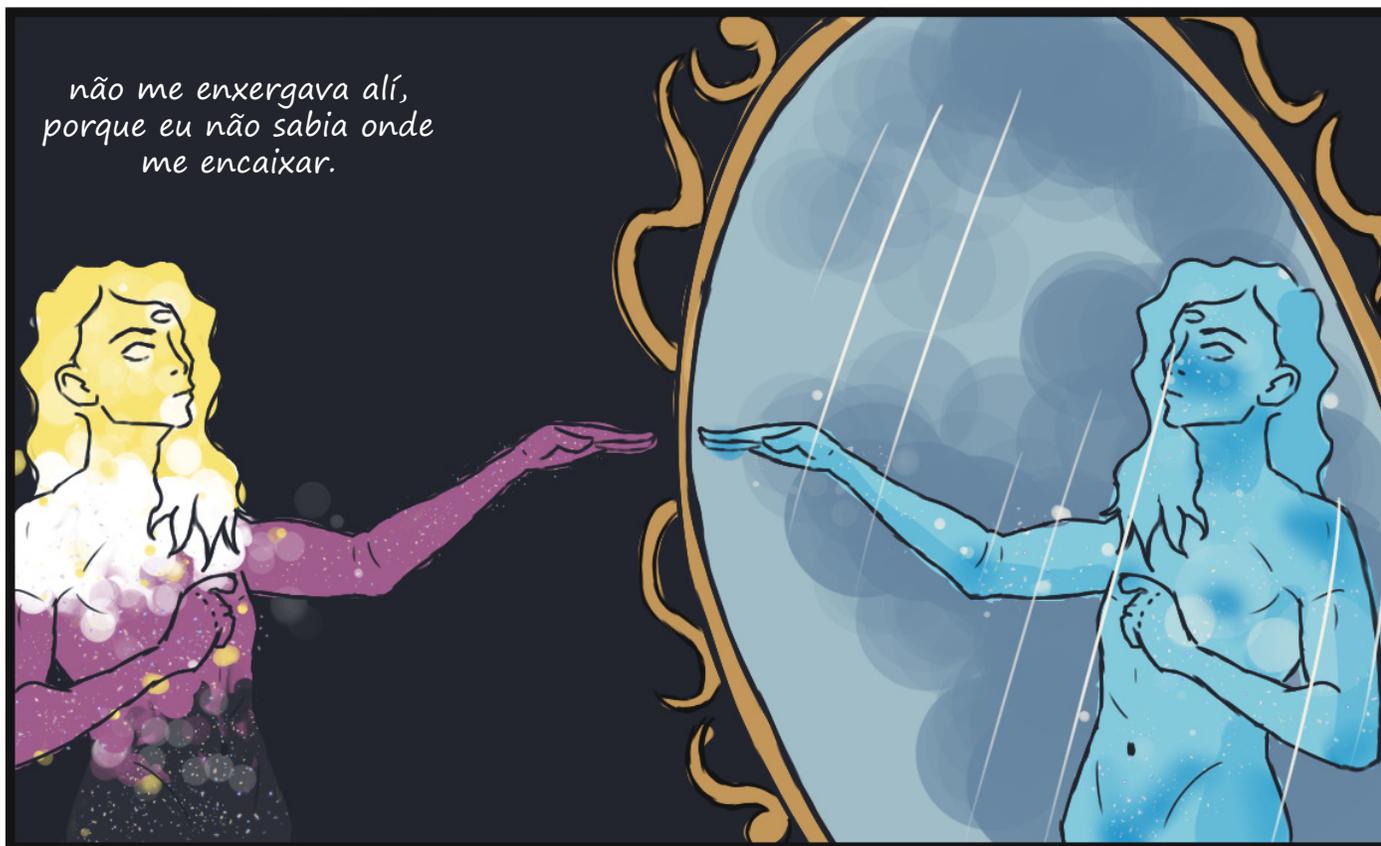
Com os papéis sociais tão fortes, muitos LGBTQs sofrem preconceito desde muito cedo. As próprias crianças reproduzem os preconceitos que presenciam em seu ambiente familiar.

Bullying, ofensas verbais e, às vezes, agressões físicas acabam se tornando comuns durante o desenvolvimento de uma pessoa queer.

O pior é que isso se naturalizou. Quem pratica essas agressões não acha que está fazendo algo errado. E quem sofre se sente impotente. Acredita que aquilo é como as coisas são e, por isso, nada vai mudar.



E mesmo que eu estivesse
entre o arco-íris...



não me enxergava ali,
porque eu não sabia onde
me encaixar.

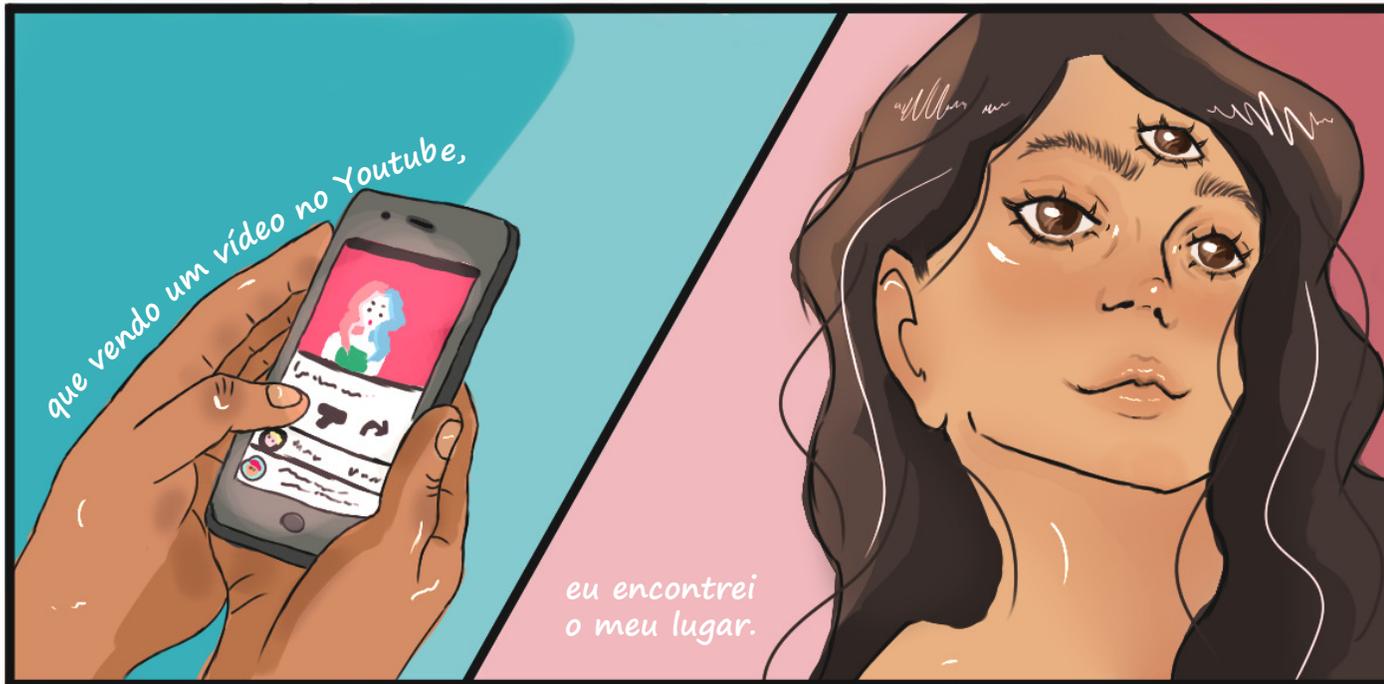
Alguns dos estereótipos heteronormativos são reforçados dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Pessoas trans são marginalizadas, gays femininos não são socialmente aceitos.

“Você pode ser gay, mas não seja viado”.

Misoginia e transfobia acabam sendo reproduzidas dentro da própria comunidade.

Além disso, a falta de representatividade faz com que muitas minorias não tenham visibilidade.

Isso contribui para que muitas pessoas não se sintam pertencentes a nenhum grupo.



A representatividade pode mudar por completo a história de uma pessoa queer.

Encontrar-se em uma comunidade faz com que a pessoa se sinta pertencente a um grupo. Ela passa a se reconhecer.

Muitos jovens LGBTs cresceram sem saber o que eram, o que poderiam ser. Muitos passaram anos se sentindo um erro, com defeito. Sentimentos que poderiam ser transformados por um exemplo de igualdade, uma pessoa na qual pudessem espelhar-se, apoiar-se.

Esta é a importância da representatividade.



2



UM NOME MORTO





Ascelin

32 anos, São Paulo.

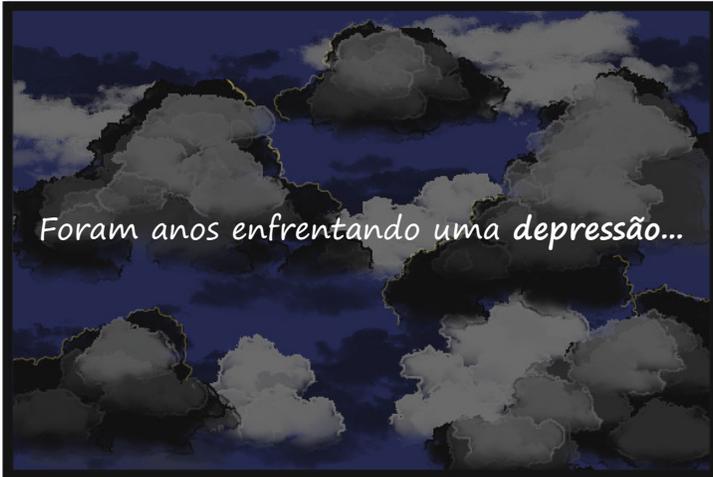
Elu/Ela

Trans não-binária, ela participa de um partido político em que luta pelo direito de pessoas trans, e se descreve como uma “trevosinha”.

Levou 30 anos para
eu me
reconhecer como
uma pessoa
não-binária.



Foram anos enfrentando uma depressão...



que só agora descobri estar ligada a minha
disforia de gênero.

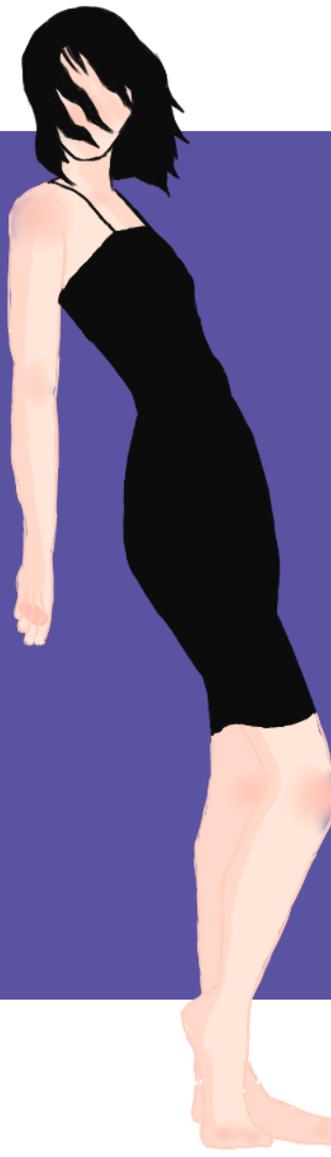


Dentro da sigla LGBTQIA+, o T é a primeira que não trata de sexualidade e sim, de gênero. As pessoas transexuais são todas que não estão em conformidade com o gênero que lhes foi designado ao nascer.

Essas pessoas podem ou não se identificar dentro do binarismo de gênero. Para algumas pessoas trans, a não conformidade é acompanhada da **disforia de gênero**.

Disforia é um estado de desconforto, um mal-estar psíquico que afeta o humor e outros pontos mentais de alguém.

Pessoas com disforia de gênero sentem que estão aprisionadas em um corpo que não as representa.



*E conseguir me
apresentar da forma
como me sinto mudou
completamente
a minha vida.*

*Foi como
encontrar uma parte
que estava
faltando em mim.*

O processo de reconhecimento, aceitação e transformação é difícil em uma sociedade heteronormativa.

Algumas pessoas trans demoram a se identificar, justamente por não se sentirem representadas no binarismo. Nem todo trans é não-binário, mas todo não-binário é trans.

Identities trans são todas aquelas que não se conformam com o gênero definido ao nascer, mas algumas dessas pessoas não se identificam com nenhum gênero, ou se identificam com mais de um.

Gênero é uma construção que não representa a todos.

No início de 2020,
me assumi no Instagram.



Comecei a postar
fotos usando
maquiagem,
vestidos,
perucas.



Você era
mais bonito
como
homem.

Você está
fazendo isso
para
chamar
atenção!

E a sofrer preconceito por
pessoas que um dia se
interessaram por mim.

Isso é só
por causa da
depressão.

Você está
estragando
sua vida!

A transição faz parte da vida de algumas pessoas trans.

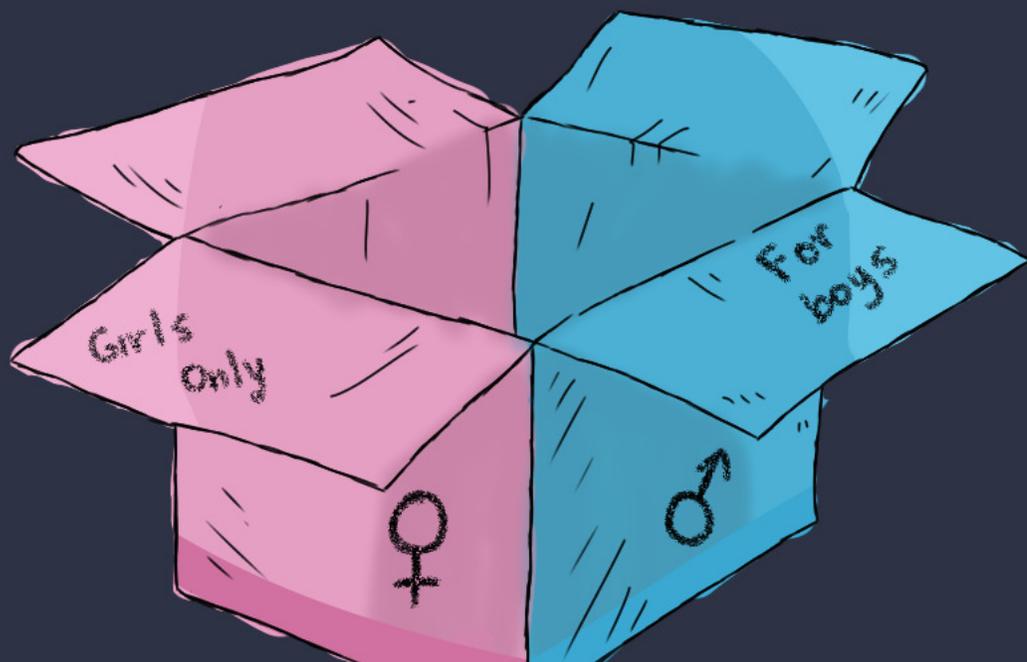
Pode ser apenas a mudança de nome e gênero nos documentos, ou uma terapia hormonal, ou cirurgias para adequar sua imagem ao seu gênero. A transição é um ato pessoal e sem regras.

Pessoas trans não precisam fazer cirurgias e tomar hormônios para afirmar seu gênero. Isso é uma decisão do indivíduo e do que o faz feliz.

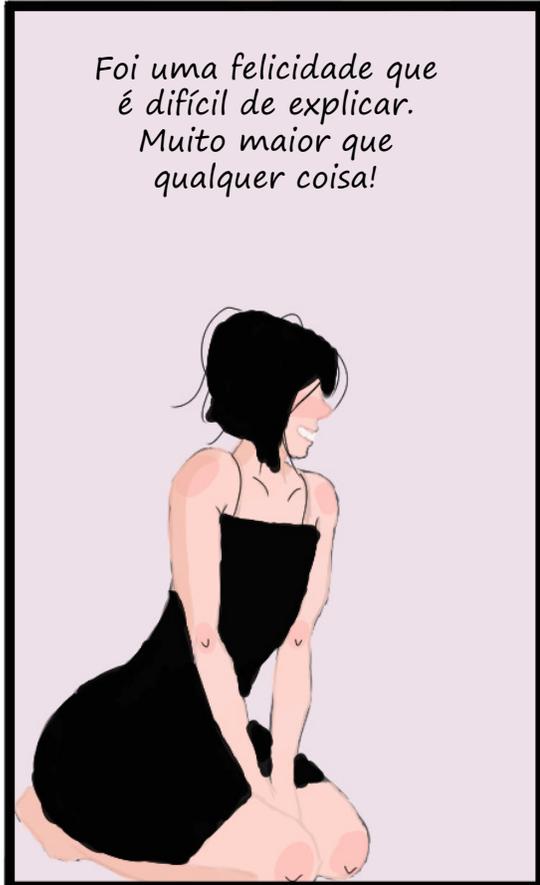
Expressão de gênero não é o mesmo que identidade de gênero. Enquanto a identidade diz respeito a quem você é, como você se interpreta como pessoa, a expressão de gênero é definida por sua aparência, a forma como você escolhe se apresentar visualmente.

A expressão de gênero não é definida apenas pela identidade, ela é construída a partir de interesses, personalidade, ideais.

A leitura que as pessoas fazem de um indivíduo, entretanto, não representa sua identidade ou expressão.



Mas isso não me impediu de ir atrás da minha identidade.



Porém isso acaba acarretando no chamado **misgendering**, quando alguém designa uma pessoa por um gênero que não corresponde à sua identidade de gênero.

Isso pode ocorrer de forma acidental ou intencional.

Dependendo da forma, a abordagem pode ser ofensiva. Por isso, é importante respeitar o modo como as pessoas se apresentam e sempre manter um diálogo para saber como a pessoa se sente confortável.



Direitos trans são direitos humanos.

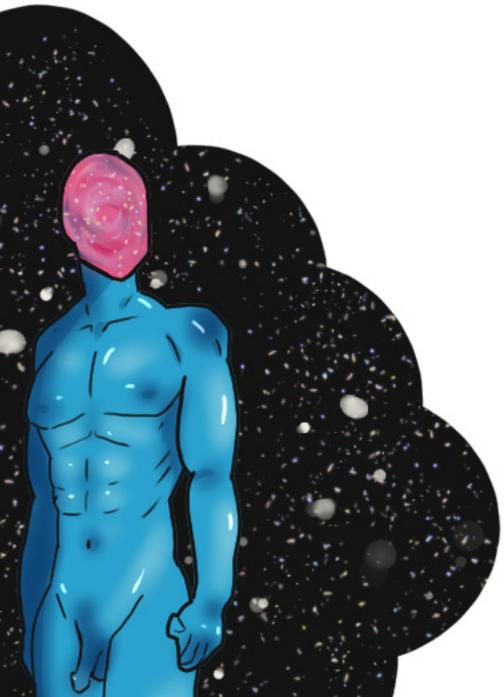
A existência de uma pessoa não depende da aceitação de outra.

Pessoas trans existem e suas identidades são válidas.



3

TRANS FORMANDO MARTE

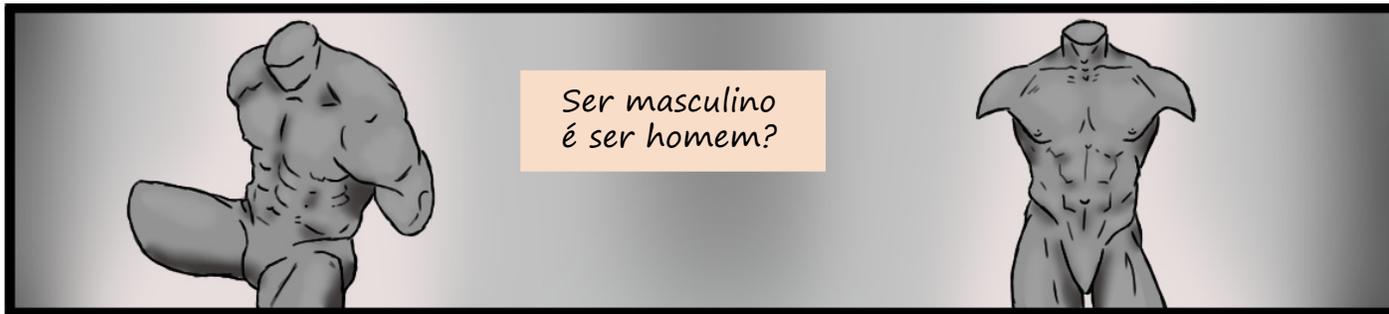




Marte

27 anos, São Paulo.
Elu/Ele

Não-binária, ele é introvertide,
fã de cultura pop e de livros. Gosta de
passar tempo com sua sobrinha.



A expressão de gênero está rodeada pelo binarismo. Associamos vestidos a mulheres, rosa ao feminino, assim como cabelos longos e maquiagem.

Mas isso é uma construção social que está em constante transformação. A moda é temporária, assim como os padrões de feminilidade e masculinidade.

Em outra época, homens usavam perucas e saltos. Mulheres não podiam usar calças.



Estas regras culturais e costumes socialmente aceitos são resultado de ações condicionadas historicamente. Com normas binárias definindo os padrões em coisas de homens e coisas de mulheres.

Porém, algumas expressões de gênero transgridem essas normas. Algumas pessoas fluem com suas expressões, outras escolhem uma imagem ambígua.

que conheci o não-binário e desde então estou tentando me desvendar.





Mas morar com minha família se tornou um empecilho.



Aqui eu não posso experimentar com minha expressão de identidade.

Nem colocar brincos.

Nem testar novas roupas.

No fim, só me resta pensar...

A maioria das pessoas LGBTs são limitadas durante a vida e não podem se permitir ser como querem. Precisam se policiar, não podem dar pinta, não podem reproduzir certos trejeitos.

Toda essa repressão acaba sendo uma tortura. Já não vivem naturalmente, apenas mantêm um personagem.

...no que quero me tornar.



A forma como você escolhe expressar sua identidade é a forma como manifesta sua personalidade, seus interesses, o que você acha bonito, como se sente bem.

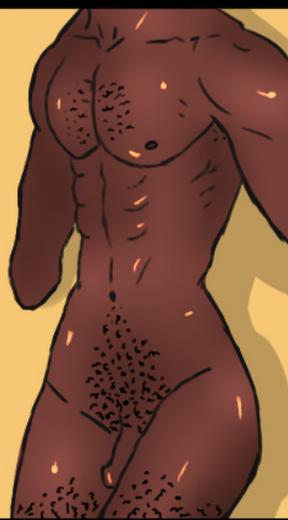
Não deveria estar ligado à identidade de gênero. Afinal, roupas não possuem gênero, assim como estilo ou moda. E isso não se aplica apenas a pessoas não-binárias, deveria ser algo comum a todos.

Essas imposições não beneficiam ninguém, apenas limitam as expressões das pessoas.

Quero meu corpo com
tudo que acho bonito.



Barba,
pelos e
curvas.



Para pessoas não-binárias,
a expressão de gênero pode ou
não implicar em mudanças físicas e
hormonais. Não existe uma condição.

É apenas uma forma de
adequar seu corpo a sua mente.

Apresentar
ao mundo um
Marte que
só eu vejo.



Mas enquanto isso não
acontece e eu não
posso expressar esse lado

Eu fico aqui
sonhando com
as possibilidades.



4



DO AMOR AO GÊNERO





Braun

29 anos, Ceará.
Elu/Ele

Não-binárie, autista, ele gosta de muitas cores, vestidos e tatuagens. É psicanalista nascido no sul do país mas apaixonado pelo Ceará.



O ser humano é um ser social. Somos construídos através de relacionamentos e eles impactam a nossa história.

Para alguns, se relacionar é simples e acontece naturalmente. Para outros, pode ser uma experiência conturbada.

Ainda assim, é difícil viver sem relações e afetos.



*Depois delu,
eu já não
conseguia me
identificar
como uma
pessoa cis.*

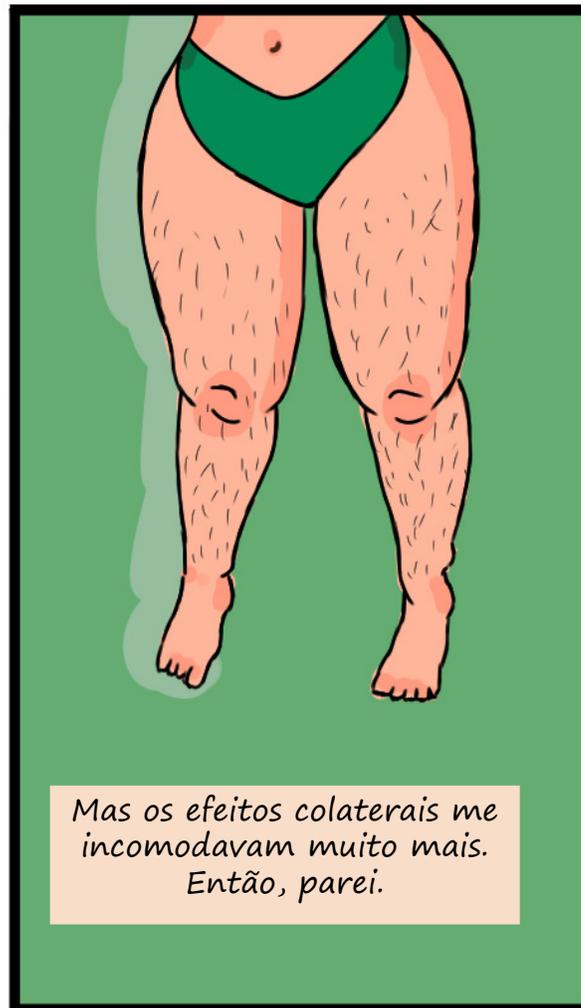
*Já não fazia
mais sentido
para mim.*

Amizade, namoro, sexo. Tudo isso faz parte do desenvolvimento humano.

Essas relações muitas vezes nos ajudam a descobrir mais de quem somos. É através destas trocas que construímos nosso ser.

Na nossa sociedade, os relacionamentos afetivos, que implicam em relações íntimas, são fechados na perspectiva hetero-cis. Composto por um homem e uma mulher, que irão namorar, casar e construir uma família.

Esta é a expectativa.

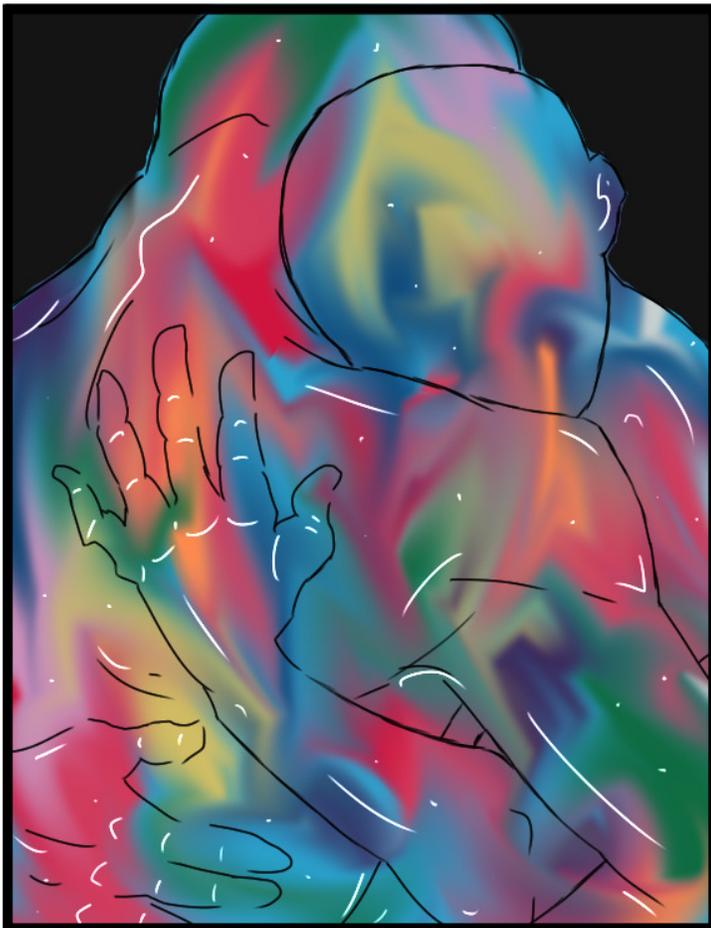


Não existem muitas representações de relacionamentos saudáveis fora deste sistema. Não vemos exemplos de relacionamentos homoafetivos ou entre pessoas não-binárias. Isso faz com que essas pessoas não tenham esperanças em ter uma relação duradoura.

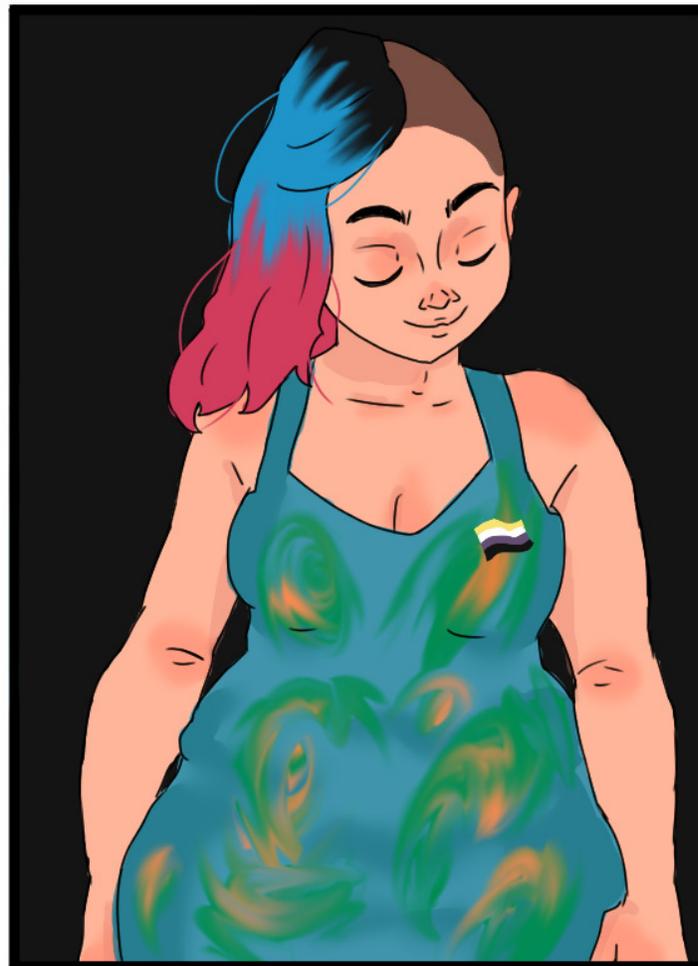
Além disso, muitas pessoas que transgridem os padrões binários acabam vivenciando a solidão.

“Não me sinto atraído por gente assim.”
“Não vejo futuro num relacionamento com alguém assim.”

*Para descobrir-se, ter o apoio
de alguém que realmente entende você
não tem comparação.*



*Alguém que ama você
independente de qualquer
padrão ou estereótipo.*



Sentir que sua identidade o impede de se relacionar, faz você questionar se realmente vale a pena.

O medo da solidão acaba fazendo com que algumas pessoas se limitem na sua expressão, ou desistam de transicionar.

Ter um apoio em uma relação, seja amorosa ou de amizade, é importante para ajudar a passar por momentos difíceis como os causados por preconceito da sociedade. Principalmente porque muitas pessoas LGBTQs acabam não tendo o amparo familiar.

*Infelizmente,
ter uma pessoa
apoiando você
assim é um
privilegio
nessa
comunidade.*

*Construir um
relacionamento
sendo uma
pessoa
não-binária
é bem difícil.*

*Há muito
preconceito
envolvido.*



*A pior solidão
é sentir-se só
em meio a
tantas pessoas.*

Faltam exemplos. Representatividade de casais LGBTQIA+ que não se enquadram no estereótipo heteronormativo.

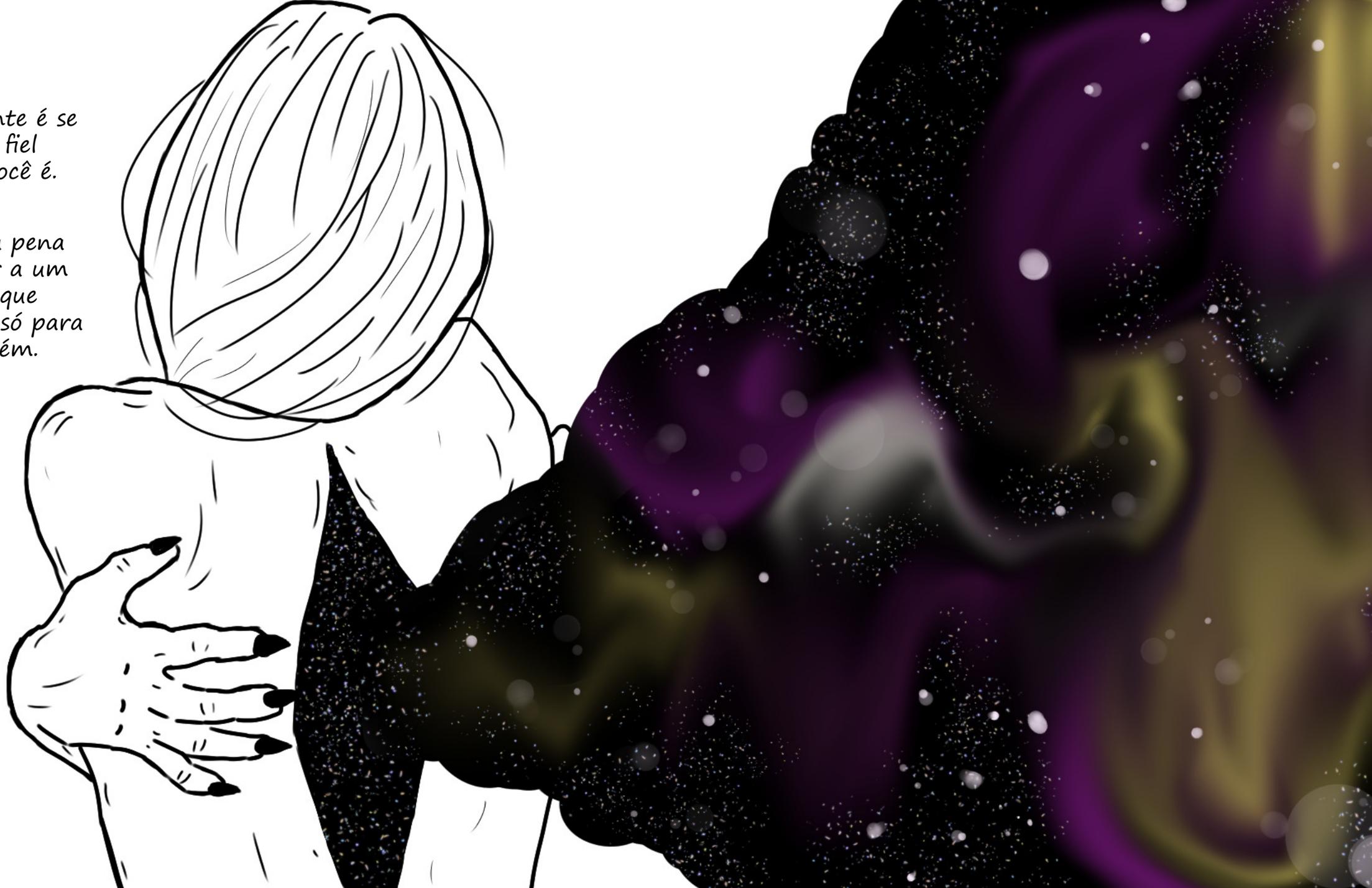
Ainda que hoje em dia haja mais casais queer na mídia, no geral são os mais “aceitáveis visualmente”. São os que estão mais de acordo com padrões binários, socialmente aceitos (até certo ponto).

Não vemos representações não-binárias na grande mídia.

Quando você não é visto, não é considerado, nem celebrado.

*O importante é se
manter fiel
a quem você é.*

*Não vale a pena
se prender a um
padrão que
excluí você, só para
ter alguém.*

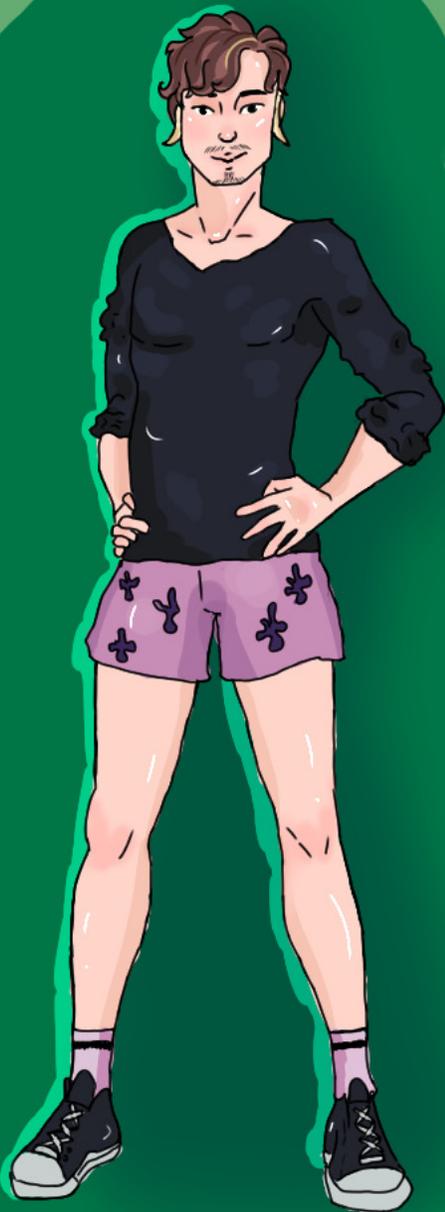




5

PRO TÓ TI PO



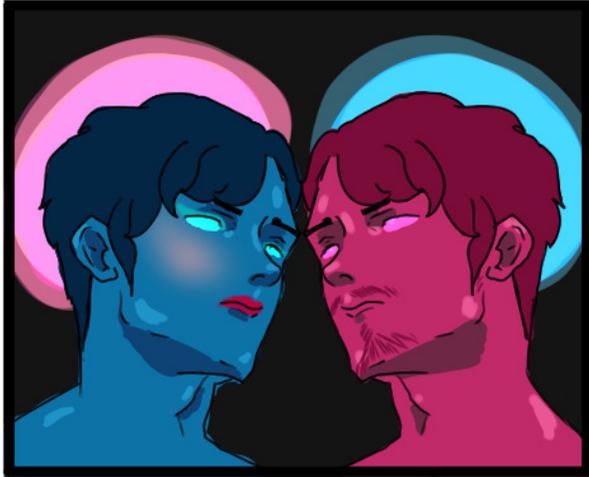


Ravi/Riva

25 anos, Espírito Santo.

Ela/Ele/Elu

Não-binárie, artista, pesquisadore, criadore.
Escolheu utilizar a expressão artística, ora como estratégia política
e de expressão, ora como catarse pessoal.



*Não sou metade homem e
metade mulher.*



*Sou um ser
completo capaz
de fluir
e transmutar.*



*Ora Ravi,
ora Riva.*

*E nunca mais
vou me limitar
em uma caixa.*

As lutas sociais são construídas em território político. Não é um pedido por privilégios, são gritos por igualdade.

A história é escrita por quem detém o poder, logo, a sociedade em que vivemos reflete isso.

Ser LGBTQIA+ é um ato político.

Enfrentar uma sociedade machista e patriarcal, indo contra tudo que é socialmente aceito e correndo risco não só de ser atacado verbalmente, mas de sofrer ataques físicos e, em casos extremos, a morte.

Esse é o dia a dia de pessoas queer.



E por mais que as pessoas que transgridem os padrões heteronormativos sejam as mais perseguidas, são também as que mais fazem mudanças na sociedade.

Por isso é importante a representatividade, ocupar diversos lugares na sociedade, expressar-se de diversas formas que quebrem os padrões definidos.

O incômodo consegue causar uma transformação, e é assim que se constrói a luta não-binária.

Minhas apresentações focam em questões corporais, políticas e sociais. Englobando discussões de gênero, sexo, desidentificações, processos sintéticos e transitórios de devir.



A expressão de identidade, que em algumas camadas pode parecer rasa, oferece espaço para mensagens profundas e impactos visuais capazes de criar questionamentos.

“É um homem ou uma mulher?”
São os dois. É nenhum.

A expressão de gênero reafirma que você pode ser, agir, pensar e se apresentar da forma como quiser.



Representatividade é expressar a diversidade. A resistência de pessoas que quando saem de casa têm sua segurança colocada em risco.

Não é só um movimento social. É uma luta sobre poder ter uma vida normal como qualquer outra.





*Pode soar presunçoso,
mas todos nós somos exemplo de algo.
Representatividade.
E se eu tiver sorte,
posso ajudar alguém com minha vivência.*

Muitas vezes, pessoas LGBTQs que transgridem o padrão binário assumem um papel político sem perceber.

Se tornam exemplos.
Se tornam representatividade.

O simples ato de expressar sua identidade da forma como você se vê é uma ação de resistência. É se impor em uma sociedade que tenta oprimir tudo que você é.

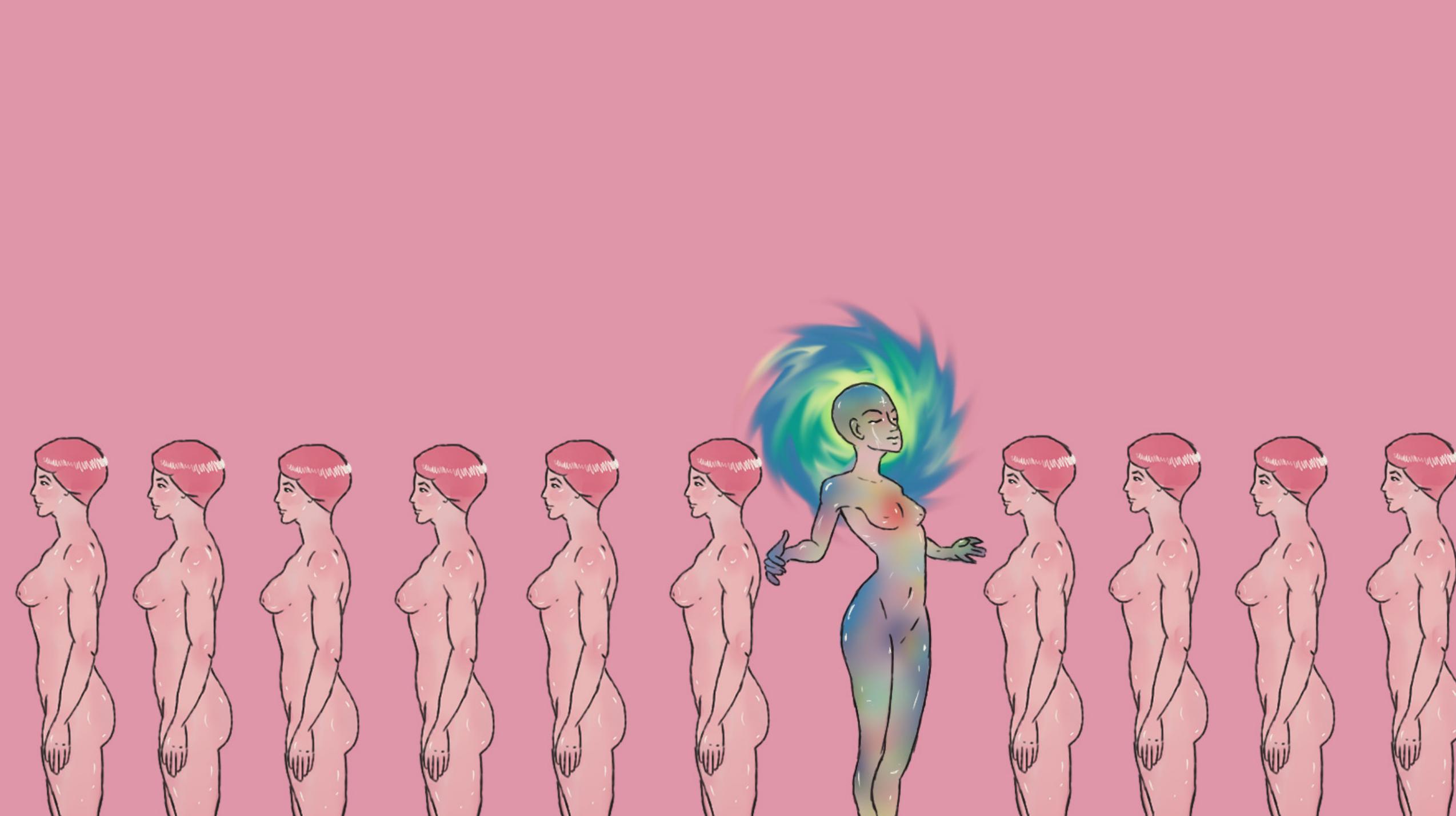


Transformando sua vida.
Transformando o mundo a sua volta.

Lutando por uma sociedade
saudável para todes.

Não-binário não é só o fim dos
papéis sociais para quem
não se identifica com eles.

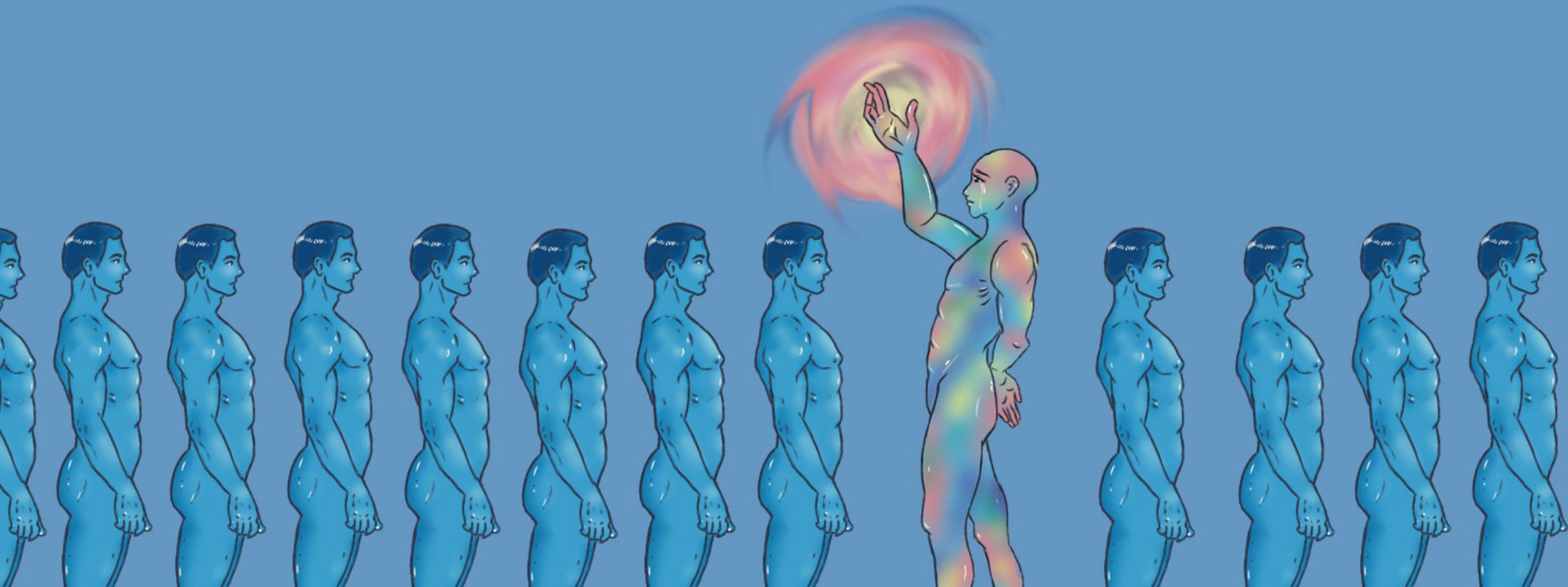
É acabar com um sistema
que só reprime a todes.



PARA NÃO FICAR SOZINHE

Para saber mais sobre não-binarismo
e encontrar outras pessoas não-binárias,
acesse a página no Facebook
do Coletivo RExistência Não Binária.

<https://www.facebook.com/COLETIVORNB/>



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos de "sexo"*. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições / Crocodilo, 2019.

MACHADO, Felipe Viero Kolinski. *Homens que se veem : masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual : políticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

CONTEÚDO SUGERIDO

Bryanna Nasck

<https://www.youtube.com/c/BryannaNasckCanal>

Cup

<https://www.youtube.com/c/apenasCup>

Mar Gonçalves

<https://medium.com/neworder/des-complicando-a-tia-2-39b21025a923>

Nick Thomás

<https://www.instagram.com/nicknagari/>

